



VALENTE, Luize. *Sonata em Auschwitz*. Rio de Janeiro: Record, 2017. 376p.

Sintonia fina entre ficção e realidade

Fine Tuning between Fiction and Reality

Sofia Débora Levy*

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | Rio de Janeiro, Brasil

sofiadebora@hotmail.com

Há vinte anos, a jornalista e escritora Luize Valente vem fazendo trabalhos ligados à temática judaica, já somando dois documentários em vídeo, *Caminhos da memória: a trajetória dos judeus em Portugal* (Brasil, 2002) e *A estrela oculta do sertão* (Brasil, 2005) – ambos em coautoria com Elaine Eiger – e quatro livros, sendo o primeiro, *Israel rotas e raízes* (Fototema, 1999), também em coautoria com Elaine Eiger. Já os seus livros *O segredo do oratório* (2012), *Uma praça em Antuérpia* (2015) e *Sonata em Auschwitz* (2017) foram todos publicados pela editora Record, e o mais recente lançado no Brasil e em Portugal.

Mobilizada pela temática da Shoah, já abordada em *Uma praça em Antuérpia*, ao tomar conhecimento da história de vida da sobrevivente judia iugoslava Maria Yefremov, publicada no livro *Sobre viver* (LEVY, 2006), Valente amadureceu a ideia de escrever um romance a partir da história de um bebê nascido num campo de concentração. Isso porque, em 1944, D. Maria foi deportada grávida para o campo de concentração e extermínio de Auschwitz onde, meses depois, deu à luz a uma menina que, logo após o nascimento, lhe foi retirada e levada por guardas do campo. Inspirada também pelo contato direto com D. Maria – que faleceu aos 103 anos em 23 de dezembro de 2017, a escritora realizou profundas pesquisas que resultaram no romance *Sonata em Auschwitz*. Numa perspectiva redentora, na história, Haya, a recém-nascida em Auschwitz, em setembro de 1944, é salva por um capitão alemão.

Apesar de serem romances independentes, *Uma praça em Antuérpia* e *Sonata em Auschwitz* estão ligados pelas pesquisas de Luize Valente sobre a Segunda Guerra Mundial. No primeiro, no qual aborda a questão dos refugiados, figura uma família alemã, composta pelo oficial nazista Hans, sua esposa Frida Schmidt e seus dois filhos, Friedrich e Ingeborg, ambos crianças em 1935, em Berlim. Em *Sonata em Auschwitz*, que traz a saga de uma família alemã, Friedrich Schmidt aparece, já adulto, como um condecorado piloto da *Luftwaffe*, crítico para com o projeto genocida de Hitler e que não consegue ficar indiferente às vítimas do nazismo. O potencial de personagem para desenvolver esse tipo de personalidade já havia se

* Doutora em História das Ciências, Técnicas e Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Bolsista Capes/PNPD.



delineado em *Uma praça em Antuérpia*, quando Friedrich, apesar de recém-ingresso na juventude hitlerista, mostrava-se um jovem sensível à música e não tão empolgado como sua irmã na difamação dos judeus, a qual o pai cobrava de seus filhos, ao educá-los conforme os preceitos do partido nacional-socialista.

Em seus processos de criação, Luize Valente viaja para os lugares que figuram nos seus livros de modo a, *in loco*, buscar inspiração, arranjos e concatenações às suas ideias – um investimento da escritora na sua ficção que, nesses momentos, toca a realidade, muitas vezes em consonância com os fatos históricos ali passados – como no caso da Nova Sinagoga (*Neue Synagoge*) de Berlim, que não chegou a ser totalmente destruída na *Noite de Cristais*, apesar de ter sido invadida e incendiada pelos nazistas na ocasião, e da qual hoje ainda mantém a fachada principal; ou da cidade de Potsdam, próxima à Berlim, onde tomou lugar a Conferência de Potsdam, que reuniu, entre julho e agosto de 1945, os países aliados, vitoriosos, para tratarem dos assuntos concernentes ao pós-guerra.

Assim, a romancista parte, primeiramente, do real, do que há de histórico, fazendo uma pesquisa sobre o que quer abordar, e depois recria esse real pela ficção. A saga da família de Adele em *Sonata em Auschwitz* representa, desse modo, várias histórias nas quais a autora se inspirou a partir da leitura de relatos de sobreviventes e de fatos históricos, entendendo como condições universais as sensações e as dores da solidão, do abandono, das perdas no contexto da Shoah.

Quanto à estruturação textual, em *O segredo do oratório*, já percebemos uma tipicidade da escritora quanto à passagem de um capítulo para o outro com corte de continuidade de tempo e espaço, que se dá também, de forma mais estreita, em *Uma praça em Antuérpia*. A alternância de tempo e de espaço aparece em todos os seus livros e a flexibilização dessas variáveis se deu num crescente entre suas obras. O resultado espelha o exercício mnemônico de concatenação da escritora na construção do romance. No mais recente, a variável memória se destaca. Metalinguisticamente, as lacunas e as interrupções do pensar e do lembrar, a partir de condições traumáticas vividas pelos personagens, figuram como marcas na estruturação dessa narrativa.

Trabalhando com esse arcabouço, Luize Valente consegue articular e dinamizar as variáveis tempo, espaço e memória, sem se perder. Trechos da narrativa que parecem interrompidos, mais adiante são concatenados. Minuciosamente, a autora procura amarrar diversas passagens entre a história e a ficção. Em *Sonata em Auschwitz*, a variabilidade dessas categorias não acontece só de capítulo para capítulo, mas também dentro de cada capítulo. Acontece enquanto estrutura de narrativa e também como rememoração de cada um dos personagens. Há personagens sobreviventes dos campos, outros que não foram a campo, mas que estão, cada um ao seu modo, elaborando as suas memórias. Elaborar traumas é uma ação complexa,



que demanda esforço. Seja qual for o trauma – como os narrados pelos sobreviventes da Shoah ou como aqueles de ordem pessoal, vividos fora de um regime totalitarista – revisitá-lo não é tarefa fácil e não há como determinar se a sua elaboração chegará a um termo, nem se o sujeito conseguirá retomar a sua paz de espírito.

Na clínica psicológica, intenta-se proporcionar condições que auxiliem a pessoa vitimada a conseguir compartilhar memórias que residem dentro da sua mente, corpo e coração, e que, às vezes, afloram abruptamente, seja em estado de vigília ou em pesadelos – quando pode até mesmo acordar executando movimentos que manifestam um estado de angústia ou uma reação que gostaria ter tido no passado e não pôde ter. Tudo isso é matéria viva.

É essa materialidade viva, que é matéria de ficção, que percebemos ao longo de *Sonata em Auschwitz*, principalmente no detalhamento da percepção dos personagens frente ao que lhes acontecia. Valente conseguiu, na descrição do contexto, permear de detalhes verossímeis e outros captados nos registros de entrevistas a sobreviventes, ou ainda nos livros de Primo Levi, Simon Wiesenthal, Viktor Frankl, trazendo uma visualização do atravessamento da dor. Chama a atenção o modo como a autora conseguiu compor as tentativas de elaboração dos discursos de diversos personagens que passaram por traumas.

No livro, Amália Hafner, vai buscar a história de sua família de origem alemã, em busca de respostas para várias perguntas: Por que o seu pai não fala com a mãe dele? Qual o motivo dessa dissidência? Como a ideologia, fortemente presente no discurso do seu pai, leva a uma dissensão familiar? Os vínculos familiares não deveriam falar mais alto? Qual é o limite de suportabilidade quando as ideologias nos levam para extremos opostos, entre uma pessoa liberal e um nazista? A autora perpassa esses conflitos ideológicos e parte para uma elaboração ficcional que, ao fim e ao cabo, propõe uma análise de âmbito existencial.

As dificuldades de elaboração da dor traumática são ilustradas no caráter transgeracional que atravessa a família de Amália por cinco gerações. Um dos índices, o silêncio, faz parte da narrativa e, por vezes, aparece como manifestação traumática da vítima que não consegue falar; em outras, como o silêncio da vergonha ou da covardia; ou ainda como o silêncio do medo de encarar uma realidade difícil, passada ou presente. Um silêncio que leva uma geração bem mais jovem a buscar desvendar os segredos de família. Luize Valente vai conduzindo o leitor a ponderar como encarar esses silêncios. Se, num momento, o silêncio pode revoltar a jovem Amália, em outro ela passa a compreender os motivos que levaram sua bisavó, Frida Schmidt, a se calar. Assim, o leitor vai experimentando diferentes emoções e modos de compreender as tentativas de se defender da memória traumática, bem como as tentativas de ultrapassá-las, que os diversos personagens vão apresentando. A busca



de Amália pela verdade familiar abre oportunidades para outros também revelarem as suas verdades.

O aspecto transgeracional do trauma deixa transparecer, na ficção, o caráter não fechado da vida. Há elementos fantasmáticos no enredo familiar, em comportamentos peculiares ou assuntos tabus, dependendo da maneira como a família lida com a questão alusiva ao trauma. Em famílias nas quais o assunto é partilhado, existem impactos, curiosidades e fragmentos de informações que um membro das gerações seguintes se interessa por buscar.

A Shoah marcou milhões de famílias e, apesar de muitos dizerem que esse tema está esgotado, quem se aproxima dele com atenção e abertura para entender o que aconteceu dificilmente sai incólume – porque nele há muitas lacunas que dizem respeito à condição humana. Quando olhamos a vida com os elementos universalizantes, encontramos pontos de identificação. O efeito transgeracional é a parte das identificações e, no caso dos familiares, especificamente, é parte das lacunas.

O romance traz, assim, para o leitor, inúmeras oportunidades para se repensar aspectos da história daquela família ou das nossas próprias vidas. Quando lemos um livro que nos transporta, ficcionalmente, para outro tempo, e nessa viagem apreendemos que a vida é um bem precioso, essa leitura já é um ganho.

Recebido em: 02/02/2018.

Aprovado em: 04/03/2018.